

# O SIGNIFICADO DE “OBJETIVISMO” EM HUSSERL: CAMINHO PARA DESCOBRIMENTO E ENCOBRIMENTO

## THE MEANING OF "OBJECTIVISM" IN HUSSERL: A PATH TO DISCOVERY AND COVER-UP

*Rogério de Souza Teza<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo se propõe a investigar o sentido de “objetivismo” na filosofia tardia de Edmund Husserl. No seu texto “A Crise das Ciências Europeias e a Filosofia Transcendental” e na sua conferência “A Crise da Humanidade Europeia e da Filosofia”, o filósofo apresenta uma verdadeira narrativa do surgimento da Ciência Moderna através de um processo de matematização. Este, contudo, em vez de contribuir para erigir um conhecimento irrelativo, se tornou verdadeira restrição ao desenvolvimento dos ideais da Ciência. O “objetivismo” se apresentaria, então, como uma interpretação filosófica que não permitiu pensar o mundo senão sob a ótica da matemática. O artigo se encerra com considerações sobre as consequências do “objetivismo”, que teria tornado a Ciência questionável na sua missão de guiar o homem por questões prementes como, por exemplo, o próprio sentido da existência humana.

**Palavras-chave:** Husserl. Ciência Moderna. Matematização. Galileu. Objetivismo.

**Abstract:** This paper aims to investigate the meaning of "objectivism" in the late philosophy of Edmund Husserl. His text "The Crisis of European Sciences and Transcendental Philosophy" and his lecture "The European Humanity and Philosophy Crisis" tell, in fact, a story of modern science emergence through the mathematization process. That, however, instead of contributing to create a non relative knowledge, became a real restriction on the development of the ideals of science. The "objectivism" brought, hence, a philosophical inquiry which did not allow thinking about the world but from a mathematical perspective. The last section addresses the "objectivism" consequences, which would have made the science doubtful in its task of guiding the man through some pressing issues such as the very meaning of human existence.

**Keywords:** Husserl. Modern Science. Mathematization. Galileu. Objectivism.

\* \* \*

### 1. Introdução

Um cenário de crise das ciências é a temática principal dos últimos anos de vida de Husserl. Tanto na sua última obra publicada em vida, “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”, cujas primeiras duas partes foram publicadas, em 1936, quanto na conferência intitulada “A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia”, proferida em Viena, em maio de 1935, o tema é extensivamente tratado. Em ambos, entretanto, a crise não se refere mais à imperfeição das ciências por

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: rogerioteza@gmail.com.

falta de clarificação e fundamentação, como Husserl já havia considerado em textos anteriores, por exemplo, nas “Investigações Lógicas”, de 1901. No fim dos anos 30, Husserl realmente considera que as ciências estão em crise, isto é, em suas palavras, que “a sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu sua tarefa, e, que para isso formou sua metodologia, se tornou questionável” (HUSSERL, 2012, p. 1). Era chegada a hora de decidir se o ideal de Ciência ainda poderia ser levado a cabo.

Por isso, apesar de denunciar uma crise, Husserl não é adepto de uma postura que desmerece os resultados alcançados pela Ciência nos anos de passagem do século XIX e início do século XX, ou o conhecimento acumulado até então. Tampouco Husserl assume um ponto de vista irracionalista, ou anticientificista. O problema se volta para o desvirtuamento de um sentido teleológico que Husserl julga implicado na humanidade europeia. É importante, contudo, sempre ter em mente que Husserl não considera a “Europa” geográfica, mas espiritual; considera-a como uma forma de vida de um conjunto de pessoas, cuja união se sustenta justamente em um *telos*, uma missão voltada para tarefa crítica em todos os seus domínios, “a partir de uma razão filosófica”, surgida por volta do século VII a.C., com os gregos (HUSSERL, 2012, p. 254-255). Ali começou a se desenvolver uma nova atitude frente ao mundo, a entrada em um processo de elaboração perpétua com pretensões de universalidade, indicadora de todos os descobrimentos, que vem a caracterizar essa forma cultural. O que quer Husserl é, por meio de um tratamento histórico, explicar como ocorreu a distorção do sentido desse *telos*, que se extraviou ao assumir nas ciências uma orientação “naturalista” e “objetivista”, cujos efeitos põem em risco até mesmo a existência europeia e ameaçam-na de “fobia ao espírito”. (HUSSERL, 2012, p. 272)

Mas, o que significa esse “objetivismo”? Como ele se tornou relevante dentro do papel desempenhado pelas ciências? Por que ele encetaria uma crise? É dar resposta a essas questões sobre esse “objetivismo” o intuito deste artigo. Pretendemos propor uma tese interpretativa segundo a qual o “objetivismo” husserliano se insere na problemática do apartamento entre sujeito e objeto, com hipertrofia do segundo termo. Dito em outras palavras, o “objetivismo” para Husserl significaria uma interpretação restritiva que prima pelas análises voltadas exclusivamente ao “objeto”, em detrimento do sujeito e da subjetividade, na qual as ciências estariam investidas. A Ciência na Modernidade teria sofrido um processo de matematização, que, em vez de contribuir para erigir um conhecimento irrelativo, se tornou verdadeira restrição ao desenvolvimento dos ideais da Ciência. Importante deixar claro que não entendemos que Husserl veja nas ciências

um oceano de teorias incorretas, mas sim que elas se circunscrevem a uma visão limitada em razão da matematização. O “objetivismo” se apresentaria, assim, segundo nossa tese, como uma interpretação filosófica que não permitiu pensar o mundo senão sob a ótica da matemática, tal como ela se aplicou às ciências da natureza por Galileu, e que se expandiu a outras fronteiras do conhecimento, às ciências humanas (ou do espírito, conforme chama Husserl). Finalmente, o “objetivismo”, realizando completo alheamento do sujeito nas investigações, tornou a Ciência questionável na sua missão de guiar o homem por questões prementes, por exemplo, o próprio sentido da existência humana.

Nossa proposta aqui é nos reencontrarmos com a trajetória husserliana, voltando nosso olhar às duas obras citadas anteriormente: “A Crise das Ciências Europeias e a Filosofia Transcendental”, a que nos referiremos como “Crise das Ciências”, e “A Crise da Humanidade Europeia e da Filosofia”, doravante referida como “Conferência”. Primeiramente, revisitaremos brevemente a questão de um suposto irracionalismo ou anticienficismo de Husserl embasados nos apontamentos que Husserl faz no primeiro parágrafo da “Crise das Ciências”. Em segundo lugar, analisaremos a nossa hipótese de interpretação do “objetivismo”. Partindo do conceito de Ciência para Husserl apresentado na parte I da “Conferência”, tomaremos por base o longo parágrafo § 9 da “Crise das Ciências” para rever o processo de matematização das ciências e as modificações provocadas pelas hipóteses ingenuamente assumidas por Galileu. Por fim, buscaremos compreender as consequências da absorção da Ciência no “objetivismo” para a tarefa científica, conforme encontramos nas partes II e III da “Conferência”, além de um retorno ao § 2 da “Crise das Ciências” para verificarmos o sentido da crise.

## **2. Husserl: crítico, mas não irracional**

O próprio título do texto publicado em 1936, “Crise das Ciências”, suscita imediatamente alguma desconfiança com relação à posição adotada por Husserl. Ora, se Husserl fala em “crise”, não assumiria uma postura contrária às ciências? Não seria Husserl irracionalista, uma vez que a Ciência Moderna se encontra desenvolvida sobre os alicerces da razão? As críticas de Husserl às bases nas quais se fundou a Ciência Moderna não se encontram apenas nos textos finais; mas, antes, atravessaram sua experiência intelectual há muito. Em textos anteriores à “Crise das Ciências”, como a já citada “Investigações Lógicas”, e também em “Ideias para uma Fenomenologia Pura e

para uma Filosofia Fenomenológica”, de 1913, Husserl já havia notado problemas nas ciências, preocupando-se com a necessidade de clarificação de suas fundações. Sua inspiração é, conforme Moura (2006, p. 18), “procurar saber como a subjetividade pode ter acesso a objetos transcendentem *em geral*” (grifo do autor). Mais tarde, porém, na época da publicação da “Crise das Ciências”, apesar do homônimo, Husserl não está mais preocupado com o método e fundamentos (MOURA, 2001, p. 187).

Se, em seus últimos textos, Husserl se utiliza da palavra “crise” para falar das ciências, não é definitivamente o caso de tomá-lo como um filósofo que as tenha censurado. Contudo, haja vista a admiração e as paixões que suscitavam (e suscitam) as descobertas e invenções propiciadas pelas ciências positivas, Husserl sabia do risco que empregar tal postura trazia à sua aceitação e credibilidade. Qualquer tipo de crítica às ciências, por mais sensata que fosse, disso ele estava bem ciente, requereria esclarecimentos aos “cientistas, seguros do seu método, contra o título dessas conferências” (HUSSERL, 2012, p. 2). Por isso, Husserl (2012, p. 2) procura deixar claro que “não está em questão o rigor da cientificidade”, “a evidência das realizações teóricas” e os “concludentes resultados duradouros”.

Contrariamente aos irracionistas, Husserl entende que a razão tem papel central na historicidade humana. Na “Conferência”, ele deixa muito claro sua posição acerca da razão e sua implicação na história humana:

não se pode tomar isto [que a crise radica num racionalismo extraviado] como se a racionalidade enquanto tal fosse o mal, ou tivesse um significado no todo da existência humana: naquele sentido elevado e autêntico [...] que se tornou um ideal no período clássico da Filosofia grega, ela carece decerto, de muitas clarificações na autorreflexão, mas é chamada na sua forma amadurecida, a conduzir o nosso desenvolvimento. (HUSSERL, 2012, p. 267)

Como diz Moura (2001, p. 186), para Husserl “existe, sim, uma crise da razão, apesar do sucesso incontestável das ciências positivas”. Mas, ao invés de situar Husserl como um irracionista ou anticientificista, o correto é colocá-lo entre os maiores defensores da posição contrária. Se a Ciência está em crise é devido a sua separação da Razão autêntica; cabe, então, revisar como se deu esse afastamento para que seja possível reconciliá-las. Não cabe, portanto, perante seu diagnóstico de que “a razão do fracasso de uma cultura racional reside [...] não na essência do próprio Racionalismo, mas unicamente na sua *alienação*, na sua absorção no 'naturalismo' e no 'objetivismo”

(HUSSERL, 2012, p. 275, grifo do autor), outros rótulos senão os de reabilitador da Racionalidade autêntica e reconciliador da Ciência com a Razão.

### **3. O conceito husserliano de Ciência**

Todavia, para compreender a separação da autêntica *Ratio* e o desvirtuamento da Ciência de que fala Husserl, é preciso recorrer à concepção que ele faz para esta. Lembremos que postulávamos, de início, que o “objetivismo” seria uma interpretação restritiva da Racionalidade, com o primado do objeto em relação ao sujeito. E a Ciência Moderna se encontraria sobre esses alicerces reduzidos. Mas o que seria a Ciência de outra maneira, de forma que sirva para convocá-la para conduzir o desenvolvimento da humanidade?

De modo não declarado, ele apresenta variadas definições para Ciência, as aproximações, no entanto, quando se tenta compreender a origem da crise, invariavelmente tomam-na como particularização da Filosofia. É desta maneira que, na parte I da “Conferência” e em uma breve passagem no início do § 12 da “Crise das Ciências”, ela é entendida: incumbida da investigação, sistemática e fundamentada, cujo fim é descobrir o Ser. Husserl (2012, p. 52) afirma, logo, que a tarefa pretendida pela a Ciência faz sentido enquanto o desvelamento do Ser na sua totalidade.

Não basta, obviamente, para a Ciência, um desvelamento, um descobrimento, meramente pelo “quotidiano vago e relativo”. Precisa, logo, “ser conhecimento racional” (HUSSERL, 2012, p. 24). Não pode a Ciência se contentar com apreensões parciais e limitadas seguindo as intuições relativas a cada sujeito. Husserl (2012, p. 17) afirma que já “o mundo é precientificamente dado, na experiência sensível quotidiana, de modo subjetivo-relativo. Cada um de nós tem as suas aparições, e estas valem para cada um como aquilo que efetivamente é”. É necessário, portanto, que a Ciência vá ainda mais longe, e investigue as aparições particulares, supere as limitações do contingente. Em um movimento em que a verdade é desvelar um pouco mais do Ser, cada verdade adquirida sobre o mundo *abre* a possibilidade de se alcançar novas verdades. Essa atitude que se renova na Ciência é tornada explícita por Husserl (2012, p. 256) da seguinte maneira:

Ciência designa, portanto, a ideia de uma infinidade de tarefas, das quais, em cada tempo, uma parte delas está já acabada e é conservada como uma validade persistente. Esta parte forma, ao mesmo tempo, o

fundo de premissas para um horizonte infinito de tarefas, enquanto unidade da tarefa onienglobante.

Cientificar, neste sentido husserliano, é adotar a ideia de um conhecimento das infinidades que ultrapasse as fronteiras da percepção subjetiva. Ao que é inerente somente ao sujeito particular abandona-se em prol daquilo que passa a ser determinado intersubjetivamente. Sua missão é buscar o “conhecimento universal do universo do ente” (HUSSERL, 2012, p. 24), mas que, por isso mesmo, de maneira alguma, se afasta de seu objeto de investigação questões respectivas à humanidade nem tampouco se desprende as validades subjetivas, isto é, a atestação ou o reconhecimento de algo tal como é.

#### **4. Caminhos para a orientação “objetivista” da Modernidade**

Husserl afirma que na Modernidade a superação das apreensões pré-científicas, subjetivo-relativas, ganha uma orientação diferente daquela que buscava desvelar o Ser em sua totalidade. O que se segue é um breve resumo de como Husserl, sem ser exatamente fiel à historiografia, descreve o papel de Galileu para o surgimento dessa nova orientação de que se vale a Ciência Moderna. No parágrafo §9 de “Crise das Ciências”, Husserl faz uma longa reflexão sobre a matematização da natureza para explicitar as modificações modernas de sentido na tarefa universal do conhecimento. Este desenvolvimento foi fundamental para Husserl apreender os pressupostos que as embasaram e que, por fim, levaram à crise.

Segundo conta Husserl, Galileu recebeu como tradição antiga uma “geometria pura[...] compreendida num desenvolvimento progressivo vivo” (HUSSERL, 2012, p. 17). Essa geometria fora, a princípio, o desenvolvimento do pensamento racional que parte de definições, conceitos e axiomas para, por meio do raciocínio dedutivo apriorístico, alcançar figuras que não passavam de figuras idealizadas; depois, foi aprimorada para a aplicação na prática empírica pela arte da medição. Em sucessivas etapas, desenvolveram-se conceitos rígidos para figuras, depois, para formas, daí para grandezas e relações entre grandezas; fixaram-se medidas em concreto, universalmente disponíveis, para poder determinar posições; e, por relações existentes, alcançou-se a possibilidade de determinar outras figuras intersubjetiva e univocamente. Lembra-nos

Husserl que “a arte da medição prepara, assim, o caminho para a geometria finalmente universal e o seu ‘mundo’ de puras figuras limites” (HUSSERL, 2012, p. 25).

Husserl aponta que o físico de Pisa a recebeu como um instrumento pronto, e agiu como físico e não como filósofo, não questionando suas evidências ou limites. A geometria significou para Galileu um método que permitia construir de modo sistemático e antecipado todas as formas do mundo. Pois, pela geometria, as figuras pensadas no modo subjetivo-relativo podiam ser objetivamente determinadas, isto é, universalmente e intersubjetivamente. O domínio da natureza concreta, antes determinado em aspectos inexatos na experiência, encontrava-se com novas ferramentas. Surgia a possibilidade de apreendê-la como uma totalidade de objetos exatos da matemática, onde tudo que tem extensão pode ser objeto de uma previsão indutiva e calculada; inclusive o que ainda é desconhecido pode pelo método geométrico ser descoberto, conforme Husserl (2012, p. 25) afirma no trecho a seguir:

[Em] conexão com a arte da medição e, doravante a conduzi-la, a matemática [...] mostrou que se pode alcançar universalmente, *nas coisas do mundo intuível-efetivo* e, com efeito, segundo o aspecto que unicamente a interessa como matemática das figuras (em que todas as coisas tomam necessariamente parte), um *conhecimento objetivamente real* de uma *espécie* inteiramente nova [...] pode-se criar para tudo o que é extensional no mundo dos corpos, uma *previsão indutiva de um tipo inteiramente novo*, pode-se, a saber, “*calcular*” com necessidade concludente, a partir de ocorrências de figuras a cada vez dadas e medidas, a ocorrência de figuras desconhecidas e inacessíveis à medição direta. (grifos do autor)

Husserl observa que a objetivação das formas inspirou Galileu; assim, este se perguntaria: por que não determinar matematicamente a natureza em todos seus outros aspectos? A geometria e as matemáticas davam tratamento apenas às questões espaço-temporais: tamanho, posição, movimento. Mas faltavam as qualidades sensíveis – como a cor –, às quais Husserl chama de *plena*<sup>2</sup>. Como é possível estender a objetivação, guia

---

<sup>2</sup> *Plena*, plural de *plenum*, em latim significa “completo”. Foi opção do tradutor utilizá-la, uma vez que o termo original é em alemão “*Fülle*”, que poderia ser traduzido por preenchimento. Segundo Husserl (2012, p. 22), o *plenum* sensível é “aquilo que se apresenta nas chamadas *qualidades ‘específicas’ dos sentidos*, cor som, odor e similares, em gradações próprias” (grifo do autor). Husserl, ao escolher um termo específico, se distancia da tradição iniciada por Locke (vide HUSSERL, 2012, p. 68-70; 86-87; 371) que confere ao sujeito a condição de experimentar tais qualidades; neste caso, são comumente referidas como *quale* (plural *qualia*). Em outros termos, significa clara preocupação de Husserl em notar que essas “qualidades” pertencem propriamente aos corpos. Embora não caiba tratar de Husserl mais extensivamente aqui, não é muito apontar que essa diferenciação é marca distintiva no tratamento da questão entre duas tradições, uma empirista e outra fenomenológica (que se faz mesmo depois de Husserl); veja-se, por exemplo, o caso da “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty.

dos parâmetros exatos, para “as qualidades 'específicas' dos sentidos, que completam concretamente os momentos espaço-temporais das figuras do mundo corpóreo”, que constituem “a concreção do mundo sensivelmente intuível” (HUSSERL, 2012, p. 25)? Esse, de acordo com Husserl, é o grande passo dado por Galileu: fazer valer as apreensões subjetivas como manifestações do mundo 'objetivo', isto é, permitir a apreensão objetiva da natureza como um todo, mesmo dos *plena*, colocando o problema das qualidades sensíveis no mesmo grau das questões referidas às formas. As formas geométricas são matematizáveis, mas o que concretamente as completa também não poderia de alguma maneira ser matematizado? Nesta ampliação Husserl já enxerga o ímpeto de Galileu de substituir o intuível e o subjetivo, presentes na experiência cotidiana, em favor do conhecimento determinado matematicamente.

Para as qualidades sensíveis serem passíveis da mesma quantificação e matematização das dimensões espaço-temporais, Galileu supõe, segundo Husserl, uma hipótese de causalidade universal. Se as qualidades sensíveis fossem tratadas como as formas, como se toda natureza fosse escrita em linguagem matemática, então os *plena* também teriam suas idealizações. Essa hipótese é fundamental para pressupor relações causais entre as qualidades objetivas ligadas a pura ocorrência no mundo das figuras e as qualidades sensíveis além das causalidades particulares que povoam o mundo da experiência sensível. Assim, torna-se possível encontrar correspondência da imagem dos dados sensíveis como no campo matematizado das figuras.

A hipótese galilaica da causalidade universal permite um salto sem precedentes na física moderna. Através dela, é dada a indexação e a quantificação dos dados sensíveis. Em vez de se recorrer ao que foi apreendido pelo sujeito, levando em conta suas validades, Galileu recorre às deduções matemáticas em busca de verdades. Ele não busca o ser através daquilo que é intuído pelo sujeito, mas pelo que está prescrito previamente pela matemática. O campo do sensível que é experimentado, sua imagem subjetiva, é reduzido, senão diretamente às formas, ao menos pelo modo indireto descrito nas relações causais. Isolam-se apenas alguns dados para pressupor uma experiência completa. Essas relações são, matematicamente, tratadas por meio de operações simbólicas e fórmulas, que se assumem como nova linguagem para descrição do mundo, e que tratam dos objetos do mundo de modo totalmente unívoco. Como observa Husserl (2012, p. 32, grifos do autor):

A matematização indireta do mundo que se perfila, então, como *objetivação metódica do mundo intuível* fornece *fórmulas numéricas gerais* [...] As fórmulas exprimem manifestamente conexões causais gerais, 'leis da natureza', leis de dependências reais sob forma de dependências 'funcionais' de valores numéricos.

Enfim, alcança-se a natureza inteiramente matematizada, na qual os objetos físicos podem ser descobertos em descrições exatas. Mas matematizar tem suas perdas. Para aplicá-la, os fenômenos precisavam ser idealizados, retirados do mundo da experiência. A hipótese de Galileu impõe um padrão ideal ao mundo dado pela matemática, em lugar dos próprios dados oferecidos pela experiência subjetiva. Em vez de se voltar ao conhecimento do ser, passou-se ao mero estudo da infraestrutura física material, apreendida pela exatidão dos objetos da matemática, como se a natureza fosse “matemática no seu ‘verdadeiro ser em si’” (HUSSERL, 2012, p. 48). Como as operações simbólicas, repetitivas, tornam-se cada vez mais mecânicas, distanciou-se, pelo formalismo, cada vez mais da referência aos domínios específicos que representavam, reduzindo-se, logo, a simples técnica de manipulação simbólica. Nas palavras de Husserl (2012, p. 38):

há que tomar em consideração a influência da tecnicização [...] do trabalho do pensar matemático-formal: a transformação das suas teorias experienciais, descobridoras e construtoras, de um pensar figurador da maior genialidade, num pensar com conceitos transformados com conceitos 'simbólicos'.

À medida que a tecnicização do pensar científico avança, se apodera cada vez mais da ciência da natureza. Esta “sofre, assim, uma múltipla transformação e encobrimento do sentido” (HUSSERL 2, p. 38). As interpretações que a ciência matematizada da natureza oferece se cristalizam, e circunscrevem em seus limites o conhecimento. À ciência matematizada devem se submeter todos os questionamentos científicos. Pela matematização deixam de estar “disponíveis, em ato, a doação de sentido originária a partir do qual o método tem o sentido de um contributo para o conhecimento do mundo” (HUSSERL, 2012, p. 37).

O método científico surge e se mantém coexistindo com o mundo pré e extra científico, o mundo da experiência cotidiano e intuitivo. Retomando o que dizíamos quando ainda falávamos do mundo precientificamente dado, podemos ainda acrescentar a observação de Husserl de que “as coisas 'vistas' já são sempre mais do que aquilo que delas 'própria e efetivamente' vemos. Ver, perceber, é, na sua essência, um 'ver

propriamente unido a um propósito, um pré-significar” (HUSSERL, 2012, p. 40). Porém, decorre da matematização irrestrita e absoluta da natureza uma substituição que mascara, que encobre o mundo, como se todo ele fosse meramente um conjunto de objetos concretos.

Galileu e a física, do ponto de vista de Husserl, não fazem asserções falsas. Pelo contrário, dentro dos limites que se circunscreve, ela é bem sucedida. Neste sentido, a ciência faz descobertas. Por outro lado, estas asserções referem-se apenas a uma “vestimenta” que encobre o mundo:

Galileu [...] descobre, perante a *causalidade universal do mundo intuível* (como sua forma invariante) aquilo que desde então se chama a *lei causal pura e simples*, a 'forma *a priori*' do 'verdadeiro mundo' (idealizado e matematizado) a 'lei da legalidade exata', segundo a qual *todo o acontecer da 'natureza'* – idealizada – está *sujeito a leis exatas*. Tudo isto é um descobrimento-encobrimento, e tomamo-lo até hoje como a pura verdade. (HUSSERL, 2012, p. 42, grifos do autor)

As coisas, que se encontram ao redor do cientista que as investiga, são desvalorizadas na nova configuração científica. Antes de partir para a descoberta, o cientista assume como premissa um mundo prescrito pelas leis matemáticas, sob a forma única das realidades concretas. Segundo Husserl (2012, p. 40), “a roupagem das ideias [da 'matemática e ciência matemática da natureza'] faz com que tomemos pelo *verdadeiro ser* aquilo que é um método”. Por isso, Galileu promovera não apenas um descobrimento quando da hipótese da causalidade universal, mas, na direção inversa, também um encobrimento. Dado o sucesso do método experimental, brilhantemente aplicado às ciências naturais, outros alvos investigativos, partes em que a vida não se reduz ao objeto exato, também foram tomadas, por formações artificiais, como objetos concretos (HUSSERL, 1965, p. 103).

Até aqui, já podemos reconhecer que a matematização na conceituação articulada por Husserl trata justamente do que assumimos em nossa hipótese interpretativa sobre o “objetivismo”, da prioridade do objeto na dicotomia sujeito-objeto nas investigações científicas. O Galileu de Husserl assumira a descrição exata de objetos físicos, em lugar do desvelamento do ser, ou seja, em lugar da Ciência universal. O mundo, em vez de buscado a partir do que já se oferece desde a experiência cotidiana, passa a ser concebido (ingenuamente) sobre uma infraestrutura da causalidade universal, descrita pela matemática. Em detrimento da cognição dada pelo

empírico-subjetivo, o “objetivismo” se acentua como interpretação dominante. Esta é, no entanto, parcial acerca do solo de onde provém o sentido do mundo, que se move do ser para o método matemático. A partir da matematização da natureza em geral, abandona-se a investigação da totalidade, pois ela exclui as questões de como os dados da experiência vêm a ser objetivados, dependendo do próprio sentido do dado, alijando o papel da subjetividade nesse processo. Husserl (2012, p. 48) sugere que o mundo interpretado pelo “objetivismo”, isto é, abstraído dos sujeitos, surge como:

A ideia de uma natureza como *um mundo de corpos realmente encerrado* em si. A par da matematização, demasiado apressadamente tornada uma obviedade, isto acarreta como consequência uma causalidade da natureza encerrada em si, em que todo acontecer está prévia e univocamente determinado (grifo do autor).

## **5. A crise provocada pelo “objetivismo”**

Mas ainda não podemos estar satisfeitos com a análise que até aqui desenvolvemos. O “objetivismo” nas ciências, segundo Husserl, levou a encobrimento de partes do mundo, de partes de seu sentido. Mas, “a ciência matemática da natureza é uma técnica maravilhosa [...] enquanto realização, ela é triunfo do espírito humano” (HUSSERL, 2012, p. 271), como se desenvolveria a partir daí uma crise da Ciência? Por que a Ciência precisa ser reformada para escapar do “objetivismo”?

A crítica de Husserl não se dirige apenas ao aspecto que incomoda o intuicionista. “O pensamento puramente simbólico” só pode significar, como observa Moura (2001, p. 189), “uma distância crescente entre a ‘ciência’ e o ‘conhecimento autêntico’”. Mas isso é apenas um incômodo antigo de Husserl.

Na “Conferência”, Husserl vê o mergulho das ciências no “objetivismo” novamente como uma ingenuidade. O método, tão bem sucedido nas ciências físicas da natureza concreta, deveria passar por outra análise crítica, não puramente metodológica, antes de ser tão vastamente aplicado. A aplicação vasta da matemática, tomada apressadamente, reforça um mundo dos corpos simplesmente. Este equívoco ingênuo, pode-se dizer, até seria inevitável no começo das ciências, de acordo com seu ponto de vista, pois o homem se dirige ao mundo que o circunda, à primeira vista, tendo a sua frente aquilo que se insere no âmbito do espaço-temporal, voltando-se ao corpóreo que lhe está mais acessível. A natureza se apresenta, inicialmente, objetualizada, em forma

de natureza espaço-temporal que permeia toda a realidade. Contudo, o homem, sujeito na atividade científica, também pertence a esse universo, no qual também se inserem os outros homens. Essa ingenuidade inicial poderia ter sido evitada, de acordo com Husserl (2012, p. 270), na “Conferência”, ainda entre os antigos gregos. Lá, o homem ainda estava inserido como pessoa na vida da sua comunidade, enquanto homens que têm fins e normas, enquanto “eu” e forma espiritual. Mas isso foi perdido.

A Modernidade seguiu o caminho investigativo aberto por Galileu, e, indo muito mais além que a da ingenuidade inicial das ciências, acreditou poder pelo método científico matematizante desvendar também todos os mistérios do espírito. A hipótese de uma causalidade universal, lançada por Galileu, pela qual o mundo todo pode ser alcançado, motiva uma nova maneira de investigação do espírito fundada na corporeidade tratando, assim, de apreender o espírito objetivamente.

Seguir o modelo das ciências naturais, neste caso, significa inevitavelmente se referir ao sujeito como consciência reificada (HUSSERL, 1965, p. 103). Neste afã totalizador que se havia lançado sobre todas as coisas da natureza, no ímpeto de ser a única fonte capaz de apresentar um conhecimento válido, único meio capaz de enunciar verdades sobre o ser, a Ciência mergulhada no “objetivismo”, ao se voltar para as compreensões acerca do homem, substitui o sujeito que opera a Ciência pelo objeto psicofísico, apreendido parcialmente como simples conjunto de dados, como se fosse objeto corpóreo concreto. Para Husserl (2012, p. 271), essa forma de apreensão é tomada como óbvia, sem que se perceba ser uma apreensão unilateral, o que gera o mal-estar nas ciências:

Estes problemas que provêm inteiramente da ingenuidade com que a ciência objetivista toma aquilo que ela designa como mundo objetivo pelo universo de todo o ser, sem com isso atentar que a subjetividade operante na ciência não pode, por direito, comparecer em nenhuma ciência objetiva. Todo aquele que foi formado científico-naturalmente acha compreensível que tudo o que é simplesmente subjetivo deva ser excluído e que o método científico-natural acha compreensível apresentando-se nos modos subjetivos de representação, determine objetivamente.

Ao se aproximar do final da parte II da “Conferência”, Husserl acentua que a Ciência, mesmo quando se volta para a investigação do espírito sob orientação do “objetivismo”, nunca olha na direção oposta ao objeto, isto é, não faz nunca do cientista mesmo tema de investigação. O que, tomando por princípio a substrução ocorrida nas ciências naturais, nos permite entender que, da mesma maneira, toda a investigação da

Ciência nunca ultrapassa a descoberta de regras empíricas nas relações causais matematizáveis. Assim, não é mais possível à investigação do sujeito como tal, de adentrar aos seus próprios pressupostos que a leva querer descobrir verdades objetivas universalmente válidas, de compreender finalidades, valores, normas, motivações. Segundo Husserl (2012, p. 273), a Ciência sob a interpretação “objetivista”, “na qual Natureza e Espírito têm de valer como realidades de sentido similar, se bem que causalmente edificadas uma sobre a outra”, é assumida inconsequentemente para também fornecer respostas ao sujeito do conhecimento do mundo. Resulta disso o encobrimento do homem, da sua própria existência, e obscurecimento da tarefa da Ciência, enquanto seu guia. Conforme afirma Ferraz (2005, p. 367),

Não é difícil ver como, por tal definição de objetividade [‘do mundo dos corpos realmente encerrado em si’], os valores e ideais são reduzidos a certas configurações históricas e antropológicas da vida psicológica, perdendo sua universalidade e necessidade, o que gera, segundo Husserl, a crise da humanidade europeia.

É, neste momento, a Ciência colocada num desenvolvimento que enseja uma crise, isto é, a necessidade de se decidir sobre o curso que as ciências podem ou devem seguir, levando em conta as motivações e valorações humanas. As ciências objetivas são incapazes de falar da vida na sua universalidade, pois abandonou o ideal de desvelar suas universalidades universalmente. Portanto, a Ciência se encontra num estágio questionável sobre suas possibilidades. Conforme apontou Husserl (2012, p. 3), retomando o que é dito ainda no § 2 da “Crise das Ciências”, uma vez que “abstrai de tudo o que é subjetivo”, a “mera ciência dos corpos” nada tem a dizer sobre as “questões que dizem respeito ao homem, como alguém que se decide livremente na sua relação com o mundo circundante humano e extra-humano”.

O “objetivismo” aliena a Racionalidade autêntica, e, desta maneira enceta a crise, isto é, o instante decisivo para refundação das ciências para que estas continuem a servir ao homem como guia de seu desenvolvimento. As ciências da natureza e do espírito se confundem, uma vez que o objeto de estudo da última é “naturalizado”, isto é, posto de maneira parelha ao método das ciências naturais. O homem, em vez de estudado como sujeito, é visto como mais um objeto. Em vista disso, decorreram problematizações absurdas e orientações investigativas equivocadas, tal como aquela de que se valem as psicologias empíricas da primeira metade do século XX.

Da incapacidade de conhecer o genuíno espírito e de se voltar ao sujeito do conhecimento de fato, se perde a ocasião de se conhecer a doação originária de sentido, tendo em vista que se menosprezam sentidos já atribuídos no mundo dado precientificamente. “Então”, como constata Moura (2001, p. 192), “essas ciências não terão mesmo mais nada a nos dizer sobre a ‘existência humana’”.

Como poderia, assim, o homem se guiar pela Ciência para as tomadas de posição valorativas, do modo como pretendia o racionalismo de Husserl, se a fonte mesma das valorações, isto é, o homem, não pode ser apreendido pela própria Ciência? Segundo Husserl (2012, p. 272), somente o renascimento do espírito da Filosofia é alternativa a fim de recompor “o próprio sentido racional da vida” e atalhar a “queda na fobia do espírito e na barbárie”. Essa é a proposta levada a cabo nas partes que completam os últimos escritos de Husserl, publicados, na maioria, complementarmente à “Crise das Ciências”.

## **6. Considerações finais**

Chegamos aqui ao final de nossa análise, na qual acompanhamos a absorção das ciências no “objetivismo”. Confirmamos nossa tese interpretativa de que, para Husserl, o “objetivismo” significa uma ciência cujo sujeito operante é renegado em favor do objeto, e de que o “objetivismo” é uma interpretação unilateral da Ciência. O “objetivismo” desvaloriza, pela hipótese do objeto reificado e matematizado, o sujeito que de fato experiencia o mundo; pois abstrai o objeto de todo sentido que a experiência subjetivo-intuitiva lhe atribui. Por extensão, desvaloriza toda forma espiritual, a humanidade, que ensejou a tarefa da Ciência para a qual faria sentido que esta se orientasse. O “objetivismo” está, afinal, no cerne da crise das ciências, que não podem mais cumprir sua tarefa de conhecimento da universalidade do ser, e acabam por não ter nada a ensinar sobre o mundo espiritual e dos vínculos da vida que mantêm o homem.

A Ciência tem seu papel de guia no seu desenvolvimento da humanidade, seu ideal orientador, isto é, como tarefas sem fim que auxiliam o homem nas suas decisões, como ser livre que é. Sua absorção pelo “objetivismo” significa ceder a uma interpretação ingênua. A matemática, que foi adotada como obviedade para todo o conhecimento de forma exageradamente apressada por Galileu, não pode impossibilitar a Ciência de lidar com o ser em sua universalidade. A Ciência se desfigurou em mera ciência dos fatos, circunscrita ao estudo dos objetos físicos situados nas dimensões

espaço-temporais, incapaz, portanto, de alcançar qualquer conhecimento além dessas possibilidades. O alvo de Husserl, afinal, não é a Ciência, mas a restrição matematizadora por ela sofrida.

Cabe concluir que, nos seus últimos anos de vida Husserl se incumbiu de, em vez da fundamentação para o conhecimento científico, lutar contra a obsessão da Ciência em regime “objetivista” de tratar a “humanidade” como um “ser objetivo”, que fez apenas encobrir o real sentido de “ser”, de sujeito, de homem. O combate de Husserl ao “objetivismo” é, desta forma, justificativa compreensível que enseja o desenvolvimento posterior da própria fenomenologia.

### Referências

- FERRAZ, M. S. A. Lições do mundo-da-vida: o último Husserl e a crítica ao objetivismo. In: *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 355-372, jul./set. 2004.
- HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Trad: Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Trad: Márcio Suzuki. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. Philosophy as Rigorous Science. In: *Phenomenology and the Crisis of Philosophy*. Trad: Quentin Lauer. New York: Harper & Row, 1965.
- MOURA, C. A. R. Prefácio. p. 15-23. In: HUSSERL, E. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Trad: Márcio Suzuki. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. A Invenção da Crise. In: *Racionalidade e Crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR, 2001.